

Micareta de Periperi reúne 50 mil pessoas

Paulo Macedo

Em meio à alegria dos foliões e comerciantes e às críticas de alguns moradores locais, insatisfeitos com o som em volume elevado, terminou ontem a 10ª edição do Perifolia. A festa, que começou no sábado, reuniu cerca de 50 mil pessoas por dia na Praça da Revolução, no bairro de Periperi. A programação contou com quatro blocos e dois trios elétricos, que se revezaram nas mais de 20 horas de música, com direito a bandas locais e grupos como Levada Louca, Guig Gueto, Saldy Bamba e Só de Onda. De acordo com informações das polícias Civil e Militar, o Perifolia 2006 – uma espécie de micareta do subúrbio ferroviário da Salvador – foi o mais tranquilo dos últimos anos.

"Nossa intenção é revelar os talentos artísticos do subúrbio e fortalecer os comerciantes locais. Aqui, dos barbeiros aos donos de supermercados, todo mundo fatura com o Perifolia", afirma um dos organizadores da festa, o comerciante Jair Sousa de Carvalho, conhecido popularmente como Over J'AY. Além de quem já possui estabelecimento comercial na área,



Dois trios elétricos se revezaram para animar os foliões

outros 200 vendedores ambulantes foram cadastrados para comercializar produtos que variavam do refrigerante e da cerveja ao churrasquinho de gato e ao cachorro-quente. "No total, mais de 600 pessoas trabalharam na festa, além de cerca de dois mil comerciantes locais", destaca Over J'AY.

O cozinheiro Gilson de Jesus, 32 anos, por exemplo, saiu de Lauro de Freitas para vender espetinho grelhado no Perifolia. "Ontem, vendi toda a mercadoria que eu trouxe. Foi bom: cem por cento de lucro", contabiliza.

Já o comerciante José Régis, proprietário de uma lanchonete na Praça da Revolução, afirma que o aumento da concorrência atrapalha suas vendas. "As vendas crescem mais ou menos 50%, mas tem muita concorrência. Mesmo assim, gosto da festa. A gente conhece novos clientes", explica.

Muitos moradores da praça onde acontece o Perifolia, entretanto, reclamam do barulho nos dias do evento. "Acho péssimos esses dias de festa. Fico sem dormir por causa do barulho. Imagine que logo ali tem

um asilo onde vivem idosos", critica a professora Ana Maria Hughes, que mora no local há 56 anos. No momento da entrevista, um trio elétrico tocava um sucesso do pagode na porta de sua casa, e a professora teve que falar alto para ser ouvida: "O barulho é insuportável", lamenta. No asilo localizado na praça, uma funcionária evita se comprometer. "É uma diversão para muitos, só que incomoda um pouco. Nós fechamos as portas e janelas e tudo bem", despista.

Outro morador, que preferiu não se identificar, temendo represálias, criticou os danos ao patrimônio provocados pela quantidade de gente na rua. "A praça não suporta dois trios elétricos. Os bancos e jardins são destruídos. Além disso, a comunidade daqui não tem condições de brincar nos blocos, nem nos camarotes, que são particulares", reclama. Na praça, entretanto, muitos foliões brincam fora dos blocos. É o caso da estudante Renata Borges, 22, que saiu do bairro de Itapuã, do outro lado da cidade, para participar da festa. "Estou gostando da festa. Ao menos até agora, está tudo tranquilo", diz.